

EMPRÉSTIMO DE €90 BI DA UE À UCRÂNIA VISA AGUARDAR RETORNO DOS DEMOCRATAS

Com a saída de Orbán, a UE aprovará €90 bilhões para a Ucrânia, planejando financiar o conflito até 2029, esperando o retorno dos democratas à Casa Branca; mesmo com altos custos para os europeus e sob o risco de uma derrota estratégica, o bloco persegue seu objetivo ideológico de impor uma derrota à Rússia.

Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A “[destituição democrática](#)” de Orbán deverá eliminar a oposição processual da Hungria ao empréstimo de 90 bilhões de euros que a UE planeja conceder à Ucrânia, financiado por dívida comum dos Estados-Membros. A *RT* publicou um [artigo detalhado](#) sobre este plano em dezembro passado, que representava um compromisso para o financiamento do empréstimo, depois de o bloco não ter conseguido chegar a um consenso sobre o confisco de alguns dos ativos congelados da Rússia para concedê-los à Ucrânia, nem sobre a utilização de pelo menos alguns deles como garantia para o empréstimo. Os leitores podem consultar mais informações [aqui](#) e [aqui](#).

Se tudo correr conforme o planejado, e a [Bloomberg](#) noticiou que o bloco pretende agir rapidamente depois de a Hungria ter atrasado o processo durante vários meses, esta

medida poderá financiar uma guerra sem fim. As esperanças de um avanço militar na frente de batalha ou de um avanço diplomático nas negociações [mediadas pelos EUA](#) ainda não se concretizaram, pelo que o ritmo do avanço russo no terreno permanece glacial, o que significa que poderá levar anos a atingir o objetivo mínimo declarado da Rússia de obter o controle de toda a região de Donbass.

Financiar dois terços do orçamento ucraniano pelos próximos dois anos, conforme a [meta da UE](#), provavelmente levaria a um acordo para uma nova rodada de dois anos, a fim de incentivar os EUA a continuarem com a ajuda militar. Desde o verão passado, os EUA deixaram de doar armas à Ucrânia, passando a vendê-las para a OTAN, que, por sua vez, as transferem para lá. [Mesmo que Trump](#) suspenda essas vendas, contanto que o orçamento ucraniano seja financiado e nada de muito importante mude, a situação pode se manter por tempo suficiente para que ele [mude de ideia](#) novamente.

Certamente, a Ucrânia não pode lutar para sempre, visto que até mesmo o novo chefe do Estado-Maior de Zelensky, Kirill Budanov, [admitiu recentemente](#) que o país enfrenta “*um problema enorme*”, após o novo ministro da Defesa, Mikhail Fedorov, [revelar](#) que mais de dois milhões de ucranianos estão se esquivando do serviço militar obrigatório, o que complica seriamente as operações na linha de frente. Há também sempre a possibilidade de Putin transformar a [operação especial](#) em uma guerra formal, na qual ele não se importaria mais com as baixas civis, numa tentativa de encerrar o conflito de forma decisiva nos termos da Rússia.

Existem duas correntes de pensamento concorrentes sobre por que ele ainda não o fez. Uma das hipóteses é que ele não queira arriscar inadvertidamente uma escalada com os EUA que poderia facilmente degenerar em uma Terceira Guerra Mundial, enquanto a outra é que ele ainda considera russos e ucranianos como um só povo, como explicou detalhadamente em seu [discurso magno de 2021](#), daí sua relutância em ver seus civis sofrerem. De qualquer forma, o cenário de guerra eterna pressupõe que Putin não fará isso, o que não pode ser dado como certo.

No entanto, a UE opera sob a premissa de que ele não fará isso, o que explica por que planeja aprovar rapidamente o empréstimo de €90 bilhões para a Ucrânia e continua comprando armas dos EUA para transferir para aquele país. Isso não apenas perpetua o risco de que as tensões saiam do controle, mas também perpetua a insegurança energética da UE em meio à crise em curso causada pela Terceira Guerra do Golfo, já que o fim do conflito [poderia hipoteticamente resultar](#) na retomada das exportações de energia russa para a UE, em benefício de seus cidadãos.

O objetivo não declarado da UE é perpetuar o conflito até pelo menos 2029, na esperança de

que os democratas recuperem o controle da Casa Branca e retomem a política ucraniana dos EUA da era Biden. Mesmo que os europeus sofram economicamente até lá, sem mencionar o aumento no número de russos e ucranianos mortos, o bloco está disposto a arcar com esses custos na busca de seu objetivo ideológico de infligir uma derrota estratégica à Rússia. No entanto, em última análise, o conflito pode acabar derrotando estrategicamente a própria UE.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
